

FRAGMENTOS DA ARTE CLÁSSICA NO ESPELHO DO SÉCULO XIX: UMA ALUSÃO À ARQUITETURA

Por Adriana Medeiros (UERJ)

RESUMO:

O espelho da arte clássica se multiplicou em fragmentos e influenciou a arquitetura grega e seus desdobramentos, verificados no decorrer do que rotulamos chamar de história da arte. A arquitetura e o urbanismo praticados pelos gregos, e mais tarde pelos romanos, foi elemento de inspiração para personalidades de liderança e artistas nos grandes períodos históricos da humanidade, onde a cidade era tida como elemento principal da vida política e social dos povos. Do clássico ao neoclássico, o desdobramento inspirado na estética da antiguidade chega ao Brasil através da corte portuguesa e se fortalece com a missão artística francesa, tornando-se uma característica estilística no Brasil do século XIX. Unir, portanto, esses fragmentos estilísticos em busca do verdadeiro reflexo clássico é o objetivo deste artigo.

Palavras-chave: Arquitetura; história da arte; século XIX.

Quando falamos de arquitetura clássica, nos referimos a arquitetura da antiguidade clássica, mais especificamente a semente da estética grega e de sua influência e inspiração a todas as outras arquiteturas, como: a arquitetura romana, a arquitetura renascentista e a arquitetura neoclássica. Ou seja, os elementos que compõem esta corrente arquitetônica são aplicados nos mais variados contextos daqueles para os quais foram pensados inicialmente sem, no entanto, perderem a sua designação.

Para que possamos entender a arquitetura clássica devemos, antes, lembrar que ela surgiu na Grécia antiga e influenciou fortemente a arte Romana, a junção da arte grega e romana resultou num magnífico apogeu estético. Na Grécia, a arquitetura era concebida a partir de conceitos e normas construtivas que eram respeitados em sua maioria e desenvolvidas nos grandes templos dedicados aos deuses, enquanto que em Roma essas regras eram assimiladas, flexibilizadas e utilizadas, não só em edificações religiosas, mas também em edificações militares e edificações civis.

Foram de fato, os gregos que introduziram tanto o conceito-base, como as distinções dentro dele. Fizeram mais, estabeleceram para cada uma das atividades artísticas principais (arquitetura, escultura, etc.) existiam regras objetivas, análogas às leis da natureza; e que o valor de cada experiência particular consistia na adaptação a essas regras. [...] Essas normas derivam de um decidido e rigoroso processo de seleção e delimitação dos problemas. Os arquitetos gregos começaram a concentrar os seus esforços num único sistema de construção, relegando resolutamente todos os outros para qualquer uso que não fosse o utilitário ou de escasso relevo arquitetônico. (CONTI, 2000, pág. 8)

A arquitetura e o urbanismo desenvolvidos pelos gregos e romanos diferenciavam-se bastante das outras civilizações próximas, como os egípcios e babilônios, na medida em que a vida cívica passava a ganhar importância. Para os gregos e romanos, a cidade era o elemento principal da vida política e social, ou seja, os gregos desenvolveram-se em cidades-estado e o Império Romano surgiu a partir de uma única cidade. Mas, nem sempre foi assim, todo processo de evolução estética, passou por vários obstáculos até chegar ao despertar da valorização da arte grega e tornar-se a primeira ideia a germinar no evoluir da arte clássica. Como define Gombrich (1999) ao afirmar que:

[...]o grande despertar da arte para a liberdade tinha ocorrido nos cem anos entre, aproximadamente, 520 a 420 a.C. Em finais do século V a.C., os artistas já haviam adquirido plena consciência de seu poder e mestria, e o mesmo se passa com o público. Embora os artistas ainda fossem olhados como meros artistas artífices e, talvez, desprezados pelos esnobes, um número crescente de pessoas começou a se interessar pelo trabalho deles como obras de arte, e não apenas por suas funções religiosas ou políticas. As pessoas compararam o mérito das várias “escolas” de arte; quer dizer, dos vários métodos, estilos e tradições que distinguiam os mestres em diferentes cidades. Não há dúvida de que a comparação e a competição entre essas escolas estimularam o artista para esforços sempre maiores e ajudaram a criar aquela variedade que admiramos na arte grega. (GOMBRICH, 1999, pág. 99.)

O resultado de tanta dedicação, pelos gregos, gerou a criação de ideologias de arquitetura clássica, ou seja, a edificação deveria obedecer pelo menos uma das “ordens” arquitetônicas, a dórica ou a jônica. Essas ordens, essencialmente gregas desenvolveram-se a partir do século VI a.C., com o abandono da forma simplória da madeira e a substituição por materiais construtivo de pedra, sobretudo o mármore, que se tornou cada vez mais frequente e associado à arquitetura e onde eram aplicados os magníficos relevos escultóricos, que compunham com seus adornos as construções. Estes eram trabalhados com tão grande maestria que não cabia mais a utilização da simplicidade estrutural da obra.

Por volta de 600 a.C., os gregos começaram a imitar em pedra essas estruturas simples. Aos esteios de madeira que escoravam os telhados secederam as colunas que sustentavam robustas vigas transversais de pedra. Estas vigas transversais eram chamadas arquitraves, e toda unidade assente nas colunas recebeu o nome de entablamento. [...] O aspecto surpreendente nesses primeiros templos, que imitam de modo claro as antigas construções de madeira, é a simplicidade e a harmonia do conjunto. (GOMBRICH, 1999, pág.77)

As ordens dórica e jônica utilizavam elementos orgânicos e motivos abstratos para ornamentar capitéis de colunas e detalhes construtivos do prédio. Já, os arquitetos do período clássico tardio, ao contrário, preferiram utilizar ornamentos decorativos inspirados nas folhas de acanto e outras plantas. Assim, surgiu a última ordem da arquitetura grega, a coríntia.

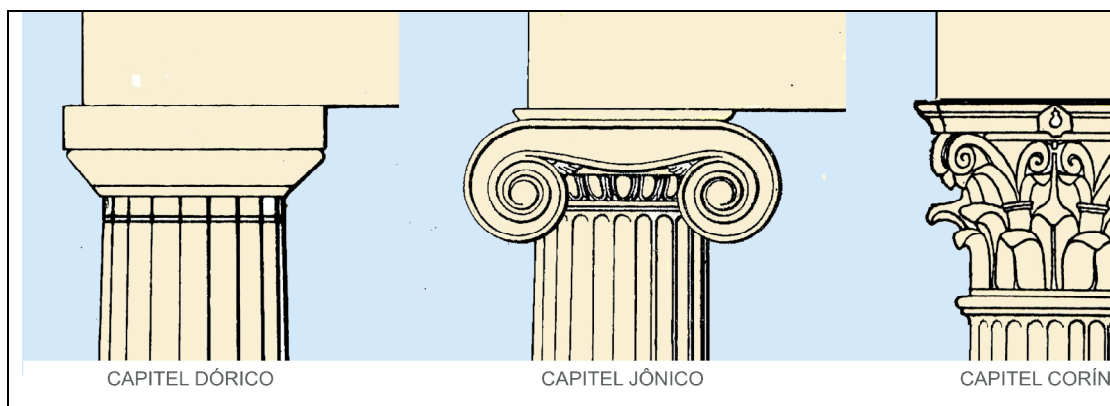
Compactuando com essa citação Conti (1987) vai mais além em suas narrativas sobre os detalhes que iriam compor a história da contribuição estética grega para as demais arquiteturas, assim ele diz:

[...] Escolheram o caminho mais difícil: a elaboração de um universo arquitetônico inteiramente novo, que mais se harmonizava com o espírito, partindo das experiências mais próximas: a planta da casa micénica com um grande mégaron, ou seja, a sala central rodeada de colunas, e os seus templos primitivos de madeira. Desse modo estabeleceram as bases de outros dois mil anos de historia da arte. (CONTI, pág.7)

Os gregos inventaram a ideia de ordem, que consiste na articulação das partes fundamentais numa série de elementos, cada um dotado de uma função determinada e de uma forma própria (coluna com sua base e seu capitel, arquitrave com seu friso decorado, etc.), ligados todavia por regras fixas de relações recíprocas. Isso permitia a cada artista ter um esquema fixo para ele trabalhar, aperfeiçoando-o. (CONTI, pág. 8)

As Ordens Gregas:

Há 03 tipos ou estilos diferentes de Ordens – Colunas na Arquitetura Grega:



- 1.- Ordem Dórica - A coluna não tem base
- 2.- Ordem Jônica - O Capitel possui duas espirais
- 3.- Ordem Coríntia - Capitel mais ricamente decorado.

Após as ordens dóricas e jônicas, o estilo coríntio surgiu para participar de uma parceria harmônica com a ordem dórica em muitos edifícios: o primeiro para a fachada e o segundo reservado para o interior. Esta ordem construtiva foi um marco de inspiração para os romanos que o adotou como elemento decorativo em grande número de construções.

Entre as civilizações do mundo antigo, a dos romanos é, sem dúvida, aquela que mais temos acesso, uma vez que eles nos deixaram um vasto legado, cultural e artístico, principalmente no que se refere à arquitetura. Sabemos que, muitas características de suas construções são derivadas da arquitetura grega, mas a junção com a arte etrusca, fez com que os romanos fossem mais além em sua criação. A adaptação dos elementos de ambas as culturas, conduziu os romanos até a superação na

composição das formas arquitetônicas e conseqüentemente, serviram para compor a arquitetura clássica.

[...] não obstante, em certa medida, a arte mudou, quando Roma se tornou senhora do mundo. Aos artistas foram confiadas diferentes tarefas, e eles tiveram, por conseguinte, que se adaptar aos novos métodos. A mais notável realização dos romanos ocorreu, provavelmente, na área de engenharia civil. (GOMBRICH, 1999, pag.119)

[...] o império romano foi uma sociedade extraordinariamente aberta e cosmopolita, que observou os traços regionais num modelo comum totalmente romano, homogêneo e diversificado ao mesmo tempo. A romanidade da arte romana deve ser buscada nesse modelo complexo, e não numa única consistente qualidade formal. (JANSON, 1996, pag.70)

Nesta linha de pensamento, Roma foi exemplificando em suas construções o pensamento da social de sua época, construções que se caracterizavam pela solidez e funcionalidade, como: aquedutos, basílicas, estradas, arco do triunfo e monumentos romanos. O valor de sua arquitetura, não se limitava apenas a estética ou um ideal de beleza, mas também, pela qualidade das construções e a transmissão da ideia de durabilidade e longevidade.

[...] a arquitetura romana é uma proeza criativa de tal magnitude que excluem quaisquer dúvidas. Desde os primeiros instantes refletiu uma forma especialmente romana de vida pública e privada. Os romanos aprenderam muito sobre a arte de construir com etruscos, inclusive a utilização do arco e da abóboda. (JANSON, 1996, pag.70)

O fato de o Império Romano atingir uma grande extensão territorial, contribuiu para o grande legado arquitetônico que temos hoje. Em sua expansão territorial se fez necessárias construções que transmitissem o valor do imperador e do grande Império que se estabelecia em seus novos territórios. As construções passaram a ser ricas em ornamentos e propagavam as lutas e as vitórias dos líderes de sua época, mantendo a memória e uma moral a partir do exemplo que deveria ser seguido e respeitado pela

população. Associado a essa ideia, surgiu um novo elemento arquitetônico, o uso do arco consecutivo, que permitiu aos construtores romanos uma maior liberdade construtiva, ou seja, ampliaram-se os espaços e as construções ganharam monumentalidade e funcionalidade.

[...] a mais importante característica da arquitetura romana é, porém, o uso de arcos. Essa invenção teve reduzida ou nenhuma importância nas edificações gregas, embora possivelmente não fosse desconhecida dos arquitetos gregos. Construir um arco com pedras separadas em forma de cunha é uma difícilíssima façanha da engenharia.[...] os romanos tornaram-se grandes especialistas na arte da construção de abóbodas, graças a diversos expedientes de natureza técnica. (GOMBRICH, 1999, pag.120)

Essa técnica, uso do arco, desencadeou um grande número de edificações em comparação com as outras civilizações antigas. Mas não propagaram o abandono dos elementos gregos, que sempre estavam muito presentes nos traços romanos, principalmente as concepções clássicas nos estilos jônico, dórico e coríntio. Também, associados a essas ordens, acrescentava-se outros elementos e criavam-se novas ordens, ora a partir da mistura entre características jônicas e coríntias, ora na retirada de estrias do corpo das colunas – retiravam-se as caneluras deixando o corpo da coluna liso –, surgindo assim a ordem toscana esculpida num único bloco de pedra. Graças a solidez dos materiais e a inteligência da engenharia, recebemos de herança esse grande legado arquitetônico de beleza e harmonia, de uma arquitetura que vai influenciar toda a história da humanidade, até explodir como chuva de idéias em um novo neoclássico e respingar nos primeiros decênios do século XX.

Neoclassicismo – a arquitetura da razão e do Estado

O Neoclassicismo ou Academicismo surge na Europa em meados do Século XVIII até as primeiras décadas do século XIX, retomando os princípios da Antiguidade greco-romana, vários motivos contribuem para o florescimento deste estilo, recebendo novas feições. Entre eles, a curiosidade pelo passado que despertou a busca de informações e motivou as escavações arqueológicas das cidades de Pompéia e Herculano (cidades italianas soterradas pela lava do vulcão Vesúvio em 79 d.C.). A partir destas descobertas as estéticas gregas e romanas passaram a servir de modelo aos artistas neoclássicos, que as readaptaram e reelaboraram a partir dos princípios de

racionalidade, proporção, medida, simetria, nitidez, outra influencia, que motivou o renascer da estética neoclássica, foram as ideias iluministas de razão, de senso moral e de equilíbrio que estava predominando também neste mesmo período na Europa.

[...]neoclassicismo é uma palavra recente, foi utilizada primeiro na França, em 1881, para nomear o estilo de pintura de Nicolas Poussin, e, em seguida, como adjetivo pejorativo para desqualificar o conjunto da arte de indole classizante dominante na Europa de 1750 a 1830. Somente no século XX a palavra foi introduzida na língua portuguesa. [...]os contemporâneos do que hoje conhecemos por arquitetura neoclássica chamavam a produção de seu tempo de "moderna" ou simplesmente "clássica". Mais recentemente, entretanto, usou-se também a palavra "neoclássica" para designar outras categorias artísticas. (CZAJKOWSKI, 2000, pág. 25)

A arte neoclássica esteve ligada a eventos políticos contemporâneos da época. Os artistas daquele período buscavam substituir a sensualidade e a frivolidade do rococó por um estilo que fosse guiado pela lógica, racionalidade e que despertasse um caráter moralizante.

A necessidade de ter uma arte que representasse essa época e exemplificasse os ideais dessa nova sociedade que começava a se estabelecer, deu luz e incentivo ao resgate dos ideais clássico das grandes civilizações da antiguidade.

Na Europa esse neoclassicismo respondeu a um apelo de fundo moral pela sobriedade decorativa e outras formas utilitárias de arte. Tal como ocorrera no Renascimento em relação ao gótico, o século XVIII rejeitou deliberadamente a profusão ornamental do rococó e dos últimos desdobramentos do barroco tardio em nome de uma contenção que não significou a rejeição de qualquer forma de ornato, mas apostou para a escolha dos temas decorativos possíveis de serem racionalmente justificados.(CZAJKOWSKI, 2000, pág. 26)

Este novo estilo foi adotado na França e na América pelos movimentos revolucionários republicanos, que encontraram nele as virtudes da democracia da Grécia antiga. Esse estilo estava vinculado a uma ideologia, que considerava essa referência formal como a mais adequada à manifestação do absolutismo, e que era predominante na Europa naquela época, e também dos regimes republicanos. Mais tarde, na França,

Napoleão utiliza o estilo e a ideia por traz dele, para servir às suas necessidades propagandísticas.

[...] enorme gama de escritores filósofos e teóricos que propunham nada menos que a reforma da sociedade do antigo regime, uma nova organização do estado e da Justiça, e uma revolução moral nos costumes. Autores como Rousseau, Voltaire, Montesquieu e Diderot inspiraram-se nos exemplos fundadores da democracia grega, nas virtudes morais da Roma republicana e na excelência natural do homem primitivo para construir o modelo teórico dos estados nacionais modernos. (CZAJKOWSKI, 2000, pág. 27)

Vários autores narraram teorias sobre a nobreza da simplicidade e a grandeza da arte greco-romana, mas um deles, o alemão Johann Winckelmann, conseguiu estender suas ideias e tê-las bem recebidas dentro do meio artístico internacional. Ele foi muito além, convidou todos os artistas de seu tempo a estudar e, até mesmo, a copiar as formas artísticas ideais e atemporais da antiguidade clássica. E propôs a utilização de aplicações de princípios, regras e formas da arquitetura clássica greco-romana, nas construções e no ensino da arquitetura. Assim, os artistas adotaram o vocabulário formal da arquitetura, e os arquitetos começaram a defender edifícios baseados em modelos greco-romanos.

Vários países da Europa, como Inglaterra, Alemanha e outros, adotaram este estilo, começaram a surgir imponentes casas, pavilhões, portões de entradas em cidades, os designs dos edifícios foram reduzidos a formas geométricas simples, com uma arquitetura racionalmente idealizada, ou seja, não apenas os edifícios mas também os espaços abertos públicos passam a ser organizados com critérios clássicos. Em cada país os arquitetos produziam essa arquitetura conforme critérios particulares. Na França, mas especificamente em Paris, foi adotado a opulência intimidadora da arquitetura imperial romana, com construções públicas gigantescas, como, por exemplo, os arcos do triunfo do Carrossel, situado nos jardins do Louvre e os Champs Elysées (ambos de 1860). Assim, Paris, de certa forma, passara a ser um marco inspirador para os países das Américas, mais especificamente o Brasil.

Arquitetura Neoclássica no Brasil

Desde o século XVIII, o Brasil, de certa forma, já começava a receber em algumas regiões do país, a influência do neoclassicismo através da arquitetura, primeiro a partir das ações do marquês de Pombal, que, segundo Czajkowski (...) foi a partir de 1750 e após a assinatura do tratado de Madri, entre Portugal e Espanha que foi enviado ao Brasil Sebastião José de Carvalho e Melo, também conhecido como marquês de Pombal. O marquês veio para comandar uma grande reforma estrutural na administração do Brasil, mas especificamente na cidade do Rio de Janeiro. Décadas depois, com a vinda da corte portuguesa em 1808, também se notou uma mudança na aceitação do neoclassicismo, mas sem grande relevância, comparado ao que aconteceu e se tornou o marco decisivo na mudança estilística na colônia portuguesa. Mais tarde, a chegada no Brasil da Missão Francesa em 1816, acarretaria a difusão dos ideais neoclássicos na capital do país, incentivada pela necessidade de se reorganizar a planta urbana do Rio de Janeiro após a chegada da família real.

[...] o marquês de Pombal comandaria a reforma do Estado Português contra diversos aspectos tradicionalmente arraigados e inauguraria uma administração moderna de inspiração iluminista. Eliminou as últimas capitâneas hereditárias, transferiu para o Rio de Janeiro a sede do Brasil, elevado à titularidade de Vice-Reino, expulsou do Brasil os padres jesuítas, até então os defensores da tradição religiosa. [...] No rastro de sua passagem, surgiram os limites do mapa do Brasil de hoje e, na obra de arquitetura que deixaram pelo caminho, entrou no Brasil o neoclassicismo. [...] A plástica romanizada, os elementos do vocabulário clássico e o rigor na composição mostram uma arquitetura neoclássica amadurecida sendo praticada do Rio de 1777. (CZAJKOWSKI, 2000, pág. 28)

Com a chegada da corte no Rio de Janeiro, a arte neoclássica começou a ganhar novos olhares e gradativamente, tornou-se uma espécie de "estilo oficial", as consequências dessa mudança, seria o suplantamento da tradição barroca na época. Com a chegada da Missão Artística Francesa, em 1816, uma série de mudanças começaram a ocorrer em direção ao neoclassicismo, em seguida a fundação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, a partir daí, o estilo foi institucionalizado e seu ensino, sistematizado num modelo que passou a ser conhecido como Academismo.

Já sabemos que o neoclassicismo se caracterizou como uma reação ao Barroco e em sua concepção enfatizava-se o racionalismo, o equilíbrio e a inspiração do legado cultural da antiguidade clássica. Assim, a arquitetura neoclássica foi difundida no Brasil a partir da chegada da Missão Artística Francesa e assumiu um caráter ideológico indicativo de progresso e civilização.

A origem do neoclassicismo no Brasil é identificada com a contratação da missão cultural francesa, chefiada por Lebreton, chegada ao rio de Janeiro no início de 1816, que reunia, entre diversos artistas de renome na Europa, o arquiteto Grandjean de Montigny, acompanhado de dois assistentes e diversos artífices. O objetivo de D. João VI era utilizar os mestres europeus para estabelecer no Brasil uma Escola Real de Ciências, Artes e ofícios, em que se promova e difunda a instrução e conhecimentos indispensáveis aos homens destinados não só aos empregos públicos da administração do Estado. (FILHO, 1987, pag. 116)

Os ideais da arte neoclássica encontraram no Brasil um campo propício para seu desenvolvimento, a abertura dos portos ao comércio estrangeiro, a liberdade de comércio e de exploração de indústria favoreceu e estimulou a nova representação estética da nova sociedade que estava no prelúdio de seu desenvolvimento. A propaganda política baseada nos ideais estéticos apresentava uma arte austera, equilibrada e pouco ornamentada, abordando em sua essência temas profanos, que consequentemente acelerou uma os ideais de uma sociedade laica.

A arte neoclássica no Brasil derivou de várias vertentes, não sendo tão ortodoxo como aconteceu com os princípios estéticos europeus, mesclando-se as concepções barrocas e rococós com antecipações do romantismo.

Segundo Taunay, o estilo neoclássico consolidou-se após a transferência da corte portuguesa para o Brasil, no ano de 1808. Neste período o Rio de Janeiro era um povoado pacato sem grande expressão artística. A chegada da corte causou uma revolução na vida dos cidadãos cariocas, patrocinou várias melhorias com a intenção de dar a cidade o conforto europeu. A chegada da Missão Artística Francesa ratificou esta tendência. Várias construções foram desenvolvidas com um novo padrão habitações e o espaço urbano modernizado.

Os artistas das missões eram neoclássicos convictos que objetivavam civilizar e modernizar o panorama artístico nacional. A arquitetura brasileira recebeu uma feição moderna e a metodologia de ensino impôs os padrões neoclássicos como um modelo ideal estilístico e com inspirações nas academias europeias. A Missão Artística, também

formou vários alunos que deram continuidade ao padrão estético vigente, entre eles, os mais conhecidos são: José Maria Jacinto Rebelo e Francisco Joaquim Béthencourt da Silva. Esse processo não se enfraqueceu após a independência, pelo contrário, tornou-se elemento de ordem moral nesta nova sociedade.

Com a independência, os senhores de terras e de escravos assumiram as responsabilidades diretas da expansão europeia nesta área. A arquitetura da época firmou-se em duas versões: o neoclássico oficial, da Corte, quase todo feito de importações, e a versão provinciana, simplificada, feita por escravos, exteriorizando nos detalhes as ligações dos proprietários com o poder central. (FILHO, 1987, pág. 135)

O estilo oficial, do Brasil independente, desenvolveu-se não somente no Rio de Janeiro, mas também nos grandes centros do litoral, como Belém e Recife, que mantinham estreito contato com a Europa e recebiam com mais facilidade os materiais construtivos, permitindo desenvolver uma arquitetura que mais se integravam aos moldes internacionais da sua época.

As construções dependiam largamente de materiais importados, tanto para elementos estruturais como para os de acabamento. Apesar dessa dependência, os arquitetos e engenheiros conseguiam dominar com eficiência as principais técnicas de construção. Esses profissionais orgulhavam-se de imitar com perfeição, até nos detalhes, os estilos de todas as épocas, que fossem valorizados pela cultura europeia. (FILHO, 1987, pág. 155)

Tanto a arquitetura urbana como a rural, manteve a clareza construtiva baseada nos moldes neoclássicos, A simplicidade da forma e as características típicas do estilo como: o uso do frontão triangular, a platibandas, pilastras e as paredes de pedras ou tijolos de cores suaves que revestiam a construção. Até hoje são encontrados em algumas construções espalhadas pelo Brasil. Infelizmente, não temos muitos registros arquitetônicos do maior responsável por essa revolução estilística, que foi Grandjean de Montigny, de suas obras, pouco restou, como: a Casa França-Brasil, o Solar Grandjean de Montigny e o pórtico do edifício da antiga Academia, que hoje se encontra instalado no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Somente a partir da segunda metade do século XIX, já através do mecenato de Dom Pedro II, é que a Academia Imperial terá maior impulso e fundirá o Neoclassicismo ao Romantismo, formando uma síntese eclética única, mas ainda rica de elementos neoclássicos.

Bibliografia

ARGAN, Giulio. *História da Arte Italiana*. Vol 1: Da Antiguidade a Duccio. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

CONTI, Flavio. *Como Reconhecer a Arte do Renascimento*. São Paulo: Martins Fontes; Lisboa: Edições 70, 1991.

_____. *Como Reconhecer a Arte Grega*. São Paulo: Martins Fontes; Lisboa: Edições 70, 1987.

_____. *Como Reconhecer a Arte Romana*. São Paulo: Martins Fontes; Lisboa: Edições 70, 1994.

FILHO, Nestor Goular Reis. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. Coleção Debates. São Paulo, editora Perspectiva. 1987.

GOMBRICH E. H. *A História da Arte. Livros Técnicos e Científicos*. Rio de Janeiro: Editora S. A. - LTC 1999.

HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da Arte*. São Paulo: Editora S. A. - LTC. Rio de Janeiro. 1999.

SUMMERSON, John. *A Linguagem Clássica da Arquitetura* - Col. Mundo da Arte - Editora: Wmf Martins Fontes. 2006.

TAUNAY, Afonso de E. – *A Missão Artística de 1816* . Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1983.